
A Venezuela pela ótica do site da Carta Capital: um estudo dos enquadramentos do Governo Maduro, dos grupos de oposição e do passado chavista¹

Jefferson Luis Moreira NASCIMENTO²
Beatriz Juana Isabel Bissio Staricco Neiva MOREIRA³
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em andamento que analisa a cobertura do site da Carta Capital sobre a Venezuela no período compreendido entre 30/07/2017 e 15/10/2017. A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo textual de todas as matérias sobre esse país, com o auxílio da Teoria do Enquadramento. Em particular, foi examinada a maneira como o Governo Maduro, os grupos opositores e a imagem do ex-presidente Hugo Chávez foram retratados pelo veículo.

Palavras-chave: Carta Capital; chavismo; enquadramento; Maduro; oposição

1. Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados da pesquisa sobre a cobertura do site da Carta Capital da situação política e econômica da Venezuela, entre os dias 30/07/17 e 15/10/17. A escolha desse recorte temporal deve-se ao fato de dois eventos políticos importantes para o país estarem compreendidos no período: a escolha dos membros da Constituinte, no dia 31/07/17, e a eleição para governadores, no dia 15/07/17.

Tais eventos foram de grande importância para testar a força política do chavismo, surgida com o governo de Hugo Chávez, que morreu no dia 05/03/2013. Nicolás Maduro, seu sucessor, vem enfrentando uma grave crise econômica e política, que, no período estudado, gerou violentos protestos, atraindo para a Venezuela os holofotes da grande mídia internacional, predominantemente crítica à “Revolução Bolivariana” proposta por Chávez.

¹ Trabalho apresentado na **IJ 1 – Jornalismo** do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante de graduação do 6º período de Ciências Sociais da UFRJ, membro do Laboratório de Mídia e Políticas e Públicas – IFCS/ UFRJ, orientado pela professora doutora Beatriz Bissio, e-mail: jeffersonlmmascimento@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, professora doutora do Departamento de Ciência Política da UFRJ. E-mail: bbbissio@gmail.com

Diante de tal contexto, utilizando análise quantitativa e qualitativa, examinou-se como o site da Carta Capital constrói sua narrativa sobre as decisões políticas do presidente Maduro, sobre as ações dos grupos de oposição e sobre o passado chavista.

2. Por que estudar coberturas jornalísticas?

O controle da grande mídia brasileira é fortemente concentrado na mão de poucas famílias, o que reflete na limitada pluralidade de informação a que temos acesso (MARQUES, 2013). Mesmo estando na era da Internet, que, na teoria, amplia a oferta de produção jornalística, há significativa tendência dos leitores/espectadores/ouvintes a buscarem notícias produzidas pelos meios de comunicação já consagrados.

Diante disso, é crucial o desenvolvimento de pesquisas que analisem de forma crítica a atuação dos meios de comunicação no Brasil com o fim de propor formas de se fazer jornalismo que:

- * dialoguem com as necessidades nacionais
- * estimulem os valores democráticos
- * deem voz a atores sociais normalmente silenciados
- * ampliem e diversifiquem a oferta de informação

3. Carta Capital: um veículo de esquerda

A revista Carta Capital, de onde se originou o site, foi criada em 1994 com o intuito de fazer frente às revistas que dominavam o mercado: Isto é e Veja (BONFIM, 2000, p.6). Ao longo de sua história, a revista e o seu editor e fundador, Mino Carta, já conquistaram alguns prêmios, como o Prêmio Brasil de Mídia do Ano pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE) (PORTAL DA IMPRENSA, 2006). E, em 2015, a revista possuía uma tiragem de 65 mil exemplares de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC).

Como não foram encontrados dados a respeito do número de acessos feitos ao site da Carta Capital, pode-se ter uma ideia da dimensão que o site possui pelo número de seguidores que o perfil da Carta Capital tem no *Facebook*, já que as matérias produzidas no site são compartilhadas por esse perfil. No dia 25 de novembro, havia 1,8 milhão de seguidores. Para dimensionar o que esse número representa, no mesmo dia, o perfil da Isto é no *Facebook* possuía 2,36 milhões de seguidores, e a *Época*, 2,34 milhões, o que

mostra que a Carta Capital possui um alcance relativamente importante no contexto das revistas semanais mais lidas no país.

Não foi apenas a popularidade da revista que nos levou a escolher esse veículo para análise, mas também a sua linha editorial. Em entrevista, Mino Carta disse que a Carta Capital é uma revista de esquerda (GOMES, 2007), além de ter declarado apoio explícito em editoriais aos candidatos do PT, Lula (CARTA, 2002) e Dilma (CARTA, 2014), nas eleições presidenciais ocorridas a partir dos anos 2000. Tendo em vista que as ações do governo Maduro vêm provocando reações negativas inclusive dentro da esquerda foi escolhido para a análise a Carta Capital, justamente para ver como ela, uma empresa que se declara de esquerda, se posiciona em relação à situação da Venezuela.

4. Contexto histórico

Partindo do pressuposto de que “a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente” e de que “não há como isolar passado do presente” (SAID, 1999), decidimos recorrer à História para nos ajudar a elucidar a situação política e econômica atual da Venezuela.

O país andino se tornou independente do reino espanhol em 1811. No entanto, como a maioria dos países da América Latina, tal fato não levou à emancipação total em relação às forças imperialistas. A Doutrina Monroe, com seu lema “América para os americanos”, foi o meio pelo qual os Estados Unidos encontraram de selar a sua hegemonia e controle sobre a região, ao impedir que os países europeus intervissem em solo latino-americano. A partir de então, os acordos comerciais entre Venezuela e EUA começaram a se intensificar (SCHEIDT, 2017).

Dos anos 1920 em diante, o petróleo se torna o principal produto de exportação da Venezuela, atraindo ainda mais interesse econômico dos estadunidenses cujo desenvolvimento industrial estava a todo vapor. É importante pontuar que todos esses anos, desde a emancipação, foram marcados por uma forte instabilidade política e social, tendo ocorrido quatro golpes de Estado entre 1908 e 1958 (BUZETO, 2008).

Em 31 de outubro de 1958, foi assinado o Pacto de *Punto Fijo*, acordo político que assegurou aparente estabilidade política até 1989. Apesar de haver eleições durante essas três décadas, pode-se afirmar que o vigor democrático do país era limitado, uma vez que apenas dois partidos, representantes de dois grupos oligárquicos, se revezavam

no poder. Podemos comparar aquele momento da Venezuela com o que ocorreu na 1ª República do Brasil, entre 1889 e 1930, quando as elites paulista e mineira estavam articuladas por meio da Política do Café-com-Leite.(ZERO, 2017)

Em 1989, ocorreu uma explosão social espontânea de grandes proporções contrária a medidas impopulares adotadas pelo governo em exercício. Essa revolta popular foi denominada de *Caracazo*, levando à morte mais de 1000 pessoas. Chegava ao fim o Pacto de *Punto Fijo*, possibilitando a emergência de nova força política conduzida por Hugo Chávez. Em 1992, o então tenente-coronel do Exército articula um golpe de Estado contra o presidente Carlos Andrés Pérez, mas fracassa.

Chavéz não abandona seu desejo de ascensão política, porém muda de estratégia: ele decide concorrer à eleição para presidente. Finalmente, em 1998, tendo conseguido 56,24% dos votos, se torna chefe do Executivo e, logo no ano seguinte, conclama a população a participar do processo de formulação de uma nova Carta Magna. A lisura do processo foi confirmada por institutos internacionais, apesar das críticas por parte dos grupos de oposição dentro e fora da Venezuela. A Constituição de 1999 ficou marcada por institucionalizar mecanismos de participação direta.

A partir daí, “a Venezuela tornou-se um país dividido, demarcado por uma intensa polarização e confrontos entre apoiadores do chavismo”. (SCHEIDT, 2017. p.2). Enfraquecida, as oligarquias que antes estavam no poder não cruzaram os braços. No dia 11 de abril de 2002, organizaram um golpe de estado, que durou menos de 48 horas, até Chávez retomar a presidência, e, em dezembro do mesmo ano, iniciaram o *Paro Petrolero*, uma paralisação generalizada das atividades laborais no setor de petróleo como o intuito de prejudicar o governo bolivariano.

Apesar da forte oposição, Hugo Chávez manteve-se firme no poder e, uma vez normalizada a produção de petróleo, intensificou as políticas de distribuição de renda, que ajudaram a reduzir a desigualdade social, até 2010, em 54% – “a pobreza despencou de 70,8%, em 1996, para 21%, em 2010” (ZERO, 2017, p.5).

Se, por um lado, houve melhoras nos índices sociais; por outro, constata-se que pouco conseguiu ser feito pelo chavismo no sentido de diversificar a produção. Dependente da exportação de petróleo, que representa mais de 90% das exportações do país, a Venezuela é muito vulnerável às variações de preço da *commodity*.

Hugo Chavéz morre em 2013 e o cenário é preocupante para a esquerda porque, além da perda de um importante líder carismático, o preço do petróleo cai vertiginosamente, levantando dúvidas sobre a possibilidade de se manter os programas sociais herdados por Nicolás Maduro. Antigo vice-presidente, Maduro ganha a eleição em abril de 2013 e, desde o seu primeiro dia, vem sofrendo ferrenha oposição tanto nacional como internacional: acusações de corrupção, críticas por suposta tendência autoritária e por possível incompetência em gerir o país etc. Por insatisfações por parte das elites bem como de setores populares, uma série de protestos violentos eclodiu, levando a Venezuela a se tornar um dos principais alvos da cobertura da grande mídia internacional, majoritariamente crítica ao chavismo.

Como forma de lidar com tal adversidade, Maduro decide reformar a Constituição por meio de uma Assembleia Constituinte. Essa medida gerou polêmica e provocou um racha na esquerda mundial, que concebe a Constituição de 1999 como progressista no que tange à ampliação dos mecanismos de participação popular na vida política.

5. Metodologia

A metodologia utilizada é a Análise de Conteúdo, definida por Roque Moraes (1999, p.1) como “uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classes de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas e quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”.

A organização do desenvolvimento da pesquisa obedeceu às etapas proposta por Ciro Flamarion Cardoso (2017): 1ª) análise prévia da documentação disponível e estabelecimento de um corpus documental ao qual será aplicado; 2ª) categorização; 3ª) codificação e cômputo das unidades e 4ª) interpretação dos resultados.

No tocante à categorização dos objetivos da análise de conteúdo aqui realizada, foi utilizada a definição original de Laswell (apud MORAES 1999), em que este caracteriza a comunicação a partir de seis questões: 1) Quem fala? 2) Para dizer o que? 3) A quem? 4) De que modo? 5) Com que finalidade? 6) Com que resultados?. Contudo, é preciso reconhecer que não consideramos as questões 3 e 6, pois seriam impossíveis de ser respondidas com o recorte documental feito.

Aliado às diretrizes dadas pela Análise de Conteúdo, faremos uso da Teoria do Enquadramento (*framing*) para entender como funciona o processo de construção das notícias. Todd Gitlin define enquadramento da seguinte forma: “são padrões persistentes de cognição interpretação, apresentação, seleção, ênfase e exclusão, através dos quais aqueles que trabalham os símbolos organizam habitualmente o discurso” (GITLIN, 1980, p.15). Isto é, o jornalismo não seria um espelho da realidade, como se pressuponha nos primórdios dos estudos sobre mídia; na verdade, o jornalismo produz quadros por meio dos quais o espectador ou o leitor pode acessar aspectos da realidade. É, portanto, uma construção subjetiva que envolve escolhas e omissões (GITLIN, 1980).

5.1 Hipóteses

Diante disso, de que forma o site da Carta Capital “enquadraria” (1) as ações do Governo Maduro; (2) o ativismo dos grupos de oposição e (3) o legado de Hugo Chávez? As hipóteses são: os “enquadramentos” dos acontecimentos políticos da Venezuela no período analisado são predominantemente desfavoráveis tanto à imagem do atual presidente quanto à dos grupos de oposição, porém o passado chavista é frequentemente retratado de forma favorável à imagem do presidente anterior.

Para testar as hipóteses levantadas, baseamos nossa análise majoritariamente nas matérias de caráter factual ou interpretativo (notícias e reportagens). No entanto, a cobertura da Carta Capital é peculiar, já que, no período estudado, há mais textos de gênero opinativo (artigos) do que matérias factuais/ interpretativas. Além disso, não há no site uma divisão clara entre o que é opinativo e o que é factual – se pesquisarmos na seção “Últimas notícias” aparecerá tanto os textos escritos por especialistas quanto as reportagens produzidas por jornalistas. Em alguns casos, só foi possível detectar se o autor da matéria era um especialista ou um jornalista, após uma busca no Google, pois o texto não deixava isso explícito.

Portanto, apesar de a metodologia não contemplar artigos de opinião, decidimos não descartá-los; não obstante, toda vez que usarmos uma citação de um artigo, deixaremos isso claro em nota de rodapé.

6. Análise quantitativa

6.1 Perfil das matérias

Como dito acima, verificou-se a presença de muitos artigos de opinião escritos por especialistas. Das 17 matérias publicadas no período acerca da Venezuela, *nove* tiveram esse perfil. As *oito* demais foram assinadas por agências de notícias ou por jornalistas colaboradores.

Nº de artigos
escritos por
especialistas:

• 9

Nº de matérias factuais
ou interpretativas
escritas por jornalistas

• 8

- * Jornalistas colaboradores: 3 matérias
- * Agências de notícias
 - Radio France Internationale: 3
 - Deutsche Welle: 2

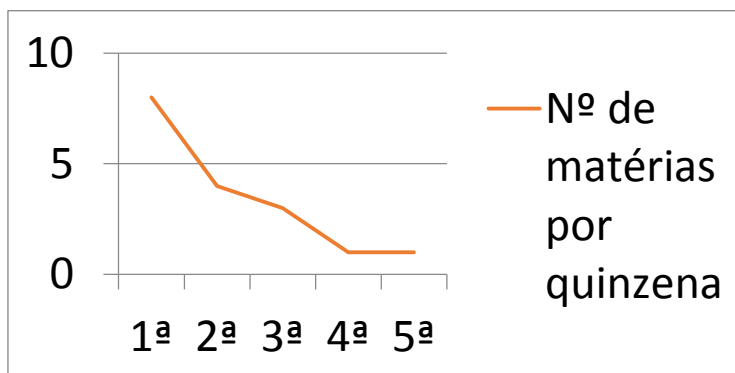
Destaca-se o pouco número de textos produzidos em um espaço de 2,5 meses. No entanto, supomos que essa escassez de notícias, se comparado a outros portais famosos, como o G1 das Organizações Globo, por exemplo, deve-se mais a uma característica do meio do que à importância dada pela Carta Capital à Venezuela, já que o site produz normalmente poucas matérias por dia.

Das oito matérias produzidas por jornalistas, cinco foram adquiridas junto a agências de notícias: três da *Radio France Internationale* e dois da alemã *Deutsche Welle*. As outras três foram escritas por jornalistas colaboradores. Vê-se que o veículo estudado não possui correspondentes na Venezuela e precisa comprar as matérias com viés mais factual ou interpretativo dos acontecimentos.

6.2 Fontes consultadas

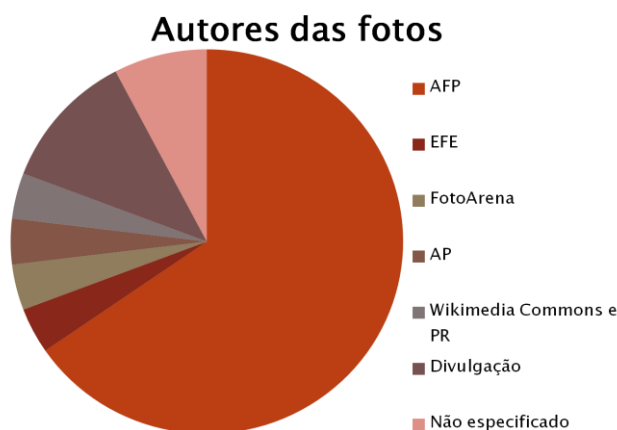
Das *oito* reportagens publicadas, *quatro* tiveram como fonte principal autoridades ligadas ao governo e *quatro* deram mais espaço para atores políticos que fazem oposição ao presidente. O que chama atenção, entretanto, é ausência de qualquer fonte popular, seja pro ou contra o chavismo - nenhum dos manifestantes que estavam nas ruas durante o período da eleição para a Assembleia Constituinte foi ouvido.

6.3. Evolução da quantidade de matérias



Percebe-se que, na primeira quinzena, quando foram escolhidos os membros da Assembleia Constituinte, houve uma cobertura mais intensa. Em comparação, na quinta quinzena, quando ocorreu a eleição para governadores, evento também importante para o futuro do chavismo, a cobertura não “esquentou”. A diferença entre os dois momentos foi que, na votação para Assembleia Constituinte, estavam acontecendo protestos violentos em várias partes do país, causando mortes e prisões, que já haviam cessado à época do pleito para os cargos executivos dos estados. Conclui-se, portanto, que, nos “critérios de noticiabilidade” utilizados o conflito se torna um “valor/notícia” superior ao evento político e, nesse caso, a máxima do “é preciso sangrar para noticiar” se confirma (Wolf, 1985).

6.4 Autores das fotos



Constata-se que o site da Carta Capital utiliza-se predominantemente de fotos compradas da Agence France-Press (AFP).

7 Análise qualitativa

7.1 Conjuntura

Da análise conjuntural feita pelo site da Carta Capital sobre a Veneuela, percebemos três ideias que se repetem ao longo do período estudado: a) caos e tensão b) país dividido c) cenário de incerteza em relação ao futuro. Em outras palavras, a cobertura descreve a situação política da Venezuela como caótica, o país está rachado entre chavistas e anti-chavistas e há certo pessimismo em relação ao futuro próximo. A Assembleia Constituinte é comumente descrita como incapaz de pacificar o país.

Para exemplificar, tomemos o artigo do dia 14/8/2017⁴ como referência. O título é: “Venezuela: *caos* e cerco” e o subtítulo é “Não há mais nuances no país. *Ou se está a favor ou contra o governo*”. As ideias de caos e de país dividido aparecem de forma clara nesse exemplo, mas não se restringem apenas ao texto opinativo. Na matéria do dia 30/7/17⁵, de caráter factual, a narrativa de que o país vive um clima de tensão é visível na passagem: “O *clima* que já era *tenso* ficou ainda mais após o ministro venezuelano do Interior e Justiça, Néstor Reverol, ter anunciado que estão proibidas as manifestações no país desde o meio-dia desta sexta-feira 28 até a próxima terça-feira 1º”. Em outra reportagem, o jornal narra que a situação está agravando: “O clima tem piorado desde a vitória da oposição nas eleições legislativas de 2015”⁶

Quanto a um futuro próspero, podemos verificar que a narrativa é de ceticismo na matéria produzida pela agência RFI Brasil:

“É *pouco provável* que ao escrever uma nova Constituição os problemas do país sejam resolvidos (...). Já no setor econômico é *pouco provável* que algo mude, sobretudo se levarmos em conta a profunda dependência da Venezuela ao petróleo” (grifo nosso).⁷

7.2 Governo Maduro

O mandato do Maduro é normalmente descrito como legítimo e, em geral, o veículo utiliza o termo “presidente” para se referir a ele, diferentemente da Folha de São Paulo, que passou a adotar o termo “ditador”. Porém, seu perfil e suas ações são, na maioria das ocasiões, apresentadas de forma negativa. “Polêmico”, “arbitrário” e “fracassado” são alguns termos utilizados para qualificar a sua *persona* ou suas ações:

⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/965/venezuela-caos-e-cerco> . Acessado em: 28 de novembro de 2017 (artigo de opinião).

⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/entenda-a-polemica-eleicao-da-assembly-constituente-da-venezuela> . Acessado em: 28 de novembro de 2017.

⁶ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/constituente-e-a-aposta-chavista-para-evitar-guerra-civil-na-venezuela> . Acessado em: 28 de novembro de 2017.

⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/venezuela-constituente-tem-saldo-de-8-milhoes-de-votos-e-dez-mortos> . Acessado em: 28 de novembro de 2017.

“As sucessivas tentativas de diálogo propostas pelo governo ao longo deste ano, uma delas com a intermediação de um representante do papa Francisco, *fracassaram*. (...) O recrudescimento do discurso oposicionista provocou uma reação não menos *arbitrária* do governo”.⁸

Na comparação com o presidente Hugo Chávez, Maduro é descrito, em uma reportagem, como o detentor de “um problema sério”: “não tem a mesma empatia que o ex-presidente”⁹, além de ser caracterizado por sua “inabilidade política”¹⁰. “Difícilmente a nova Carta resolverá algum desses problemas. O objetivo imediato do governo é, no entanto, ganhar tempo e convencer o país de que a alternativa oferecida pelo outro lado é ainda pior”.¹¹

Ademais, enquanto as iniciativas de Chávez em promover consultas populares são entendidas como legítimas e democráticas, levanta-se dúvidas sobre a transparência da forma como foi conduzida a escolha dos membros da Assembleia Constituinte na matéria do dia 08/08/2017: “Observadores da eleição levantaram dúvidas sobre os dados oficiais de comparecimento, embora os números fornecidos pelo CNE nunca tenham sido questionados com tanta veemência em disputas anteriores”¹². Em outros momentos, enfatiza-se que “a eleição da Assembleia Constituinte é polêmica porque dela não participam candidatos opositores e não há motivos concretos para mudar a Constituição”¹³.

Cabe ressaltar, em contrapartida, que a iniciativa de Maduro de propor mudanças na Carta Magna é vista como legítima por um especialista: a eleição de uma Assembleia Constituinte foi “convocada com garantias à ampla participação da cidadania e ao pleno exercício das liberdades políticas, de acordo com a Constituição em vigor”¹⁴. Podemos notar, pois, que há uma tentativa de trazer pontos de vista opostos sobre a política exercida por Nicolás Maduro.

7.3. Grupos opositores

⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/constituente-e-a-aposta-chavista-para-evitar-guerra-civil-na-venezuela> . Acessado em: 28 de novembro de 2017.

⁹ Idem à nota 7

¹⁰ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/965/venezuela-caos-e-cerco> . Acessado em: 28 de novembro de 2017 (artigo de opinião)

¹¹ Idem à nota 8

¹² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/964/venezuela-a-urna-de-pandora> . Acessado em: 28 de novembro de 2017.

¹³ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/entenda-a-polemica-eleicao-da-assembleia-constituente-da-venezuela>. Acessado em: 28 de novembro de 2017

¹⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/o-futuro-da-venezuela-esta-em-jogo>. Acessado em: 28 de novembro de 2017 (artigo de opinião)

Tais grupos são retratados quase sempre de forma negativa. Adjetivos como “violentos”, “terroristas”, “extremistas”, “fracassados”, “golpistas”, “rebeldes”, “frustrados” são comumente empregados para descrever as formas de protestar usadas: “Grupo de *rebeldes* é rendido depois de tomar quartel na cidade de Valência. Ao menos sete pessoas são detidas”, subtítulo da matéria¹⁵ do dia 06/08/2017. Também os opositores são considerados violentos e suas ações terroristas:

“Em vez de esperar a disputa presidencial em 2019 e promover uma alternância de poder dentro das regras democráticas, os opositores passaram a apostar com mais frequência e de forma cada vez mais *violenta* na remoção imediata de Maduro (...). Em qualquer outro lugar do planeta, tais ações *violentas* seriam definidas como *terrorismo*, mas no caso da Venezuela os responsáveis por esses crimes são louvados pelos jornalistas estrangeiros como se fossem manifestantes ‘pacíficos’”.

¹⁶

Outro aspecto da cobertura do site da Carta Capital acerca dos grupos de opositores é o hábito de se referirem a eles como se fossem um grupo uno, dando pouca margem para que o leitor conheça os nomes dos líderes dos grupos opositores e as diferenças entre eles. Apesar de estarem reunidos na Mesa da Unidade Democrática, uma coalizão de partidos políticos diferentes, a única bandeira que os mantém os diversos grupos opositores unidos é o antichavismo. Veja a passagem abaixo:

A Assembleia Constituinte foi anunciada em maio por Maduro, um mês após os inícios dos protestos convocados pela *oposição* e contra o governo. A *oposição* alega que o povo não foi consultado sobre se queria ou não a votação, e uma nova Constituição.

Para os *opositores*, o processo é fraudulento. Eles afirmam que não há uma representação proporcional de acordo com a população dos municípios, o que beneficiaria o governo. A *oposição* sequer apresentou candidatos, o que faz com que a eleição de domingo seja um evento apenas para os pró-governo.¹⁷

No que tange ao plebiscito proposto de forma informal pela Mesa da Unidade Democrática para verificar se, de fato, a população venezuelana queria mudar a Constituição, o site da Carta Capital descreve a sua articulação como fraudulenta: “Apesar da *clara fraude*, nem todos os supostos 7,4 milhões de eleitores que teriam comparecido à consulta opositorista aceitaram a tese de boicote à Assembleia Constituinte”.¹⁸

¹⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/governo-reprime-levante-militar-na-venezuela>

¹⁶ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/entenda-a-polemica-eleicao-da-asmbleia-constituente-da-venezuela>. Acessado em: 28 de novembro de 2017

¹⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/964/venezuela-a-urna-de-pandora> . Acessado em: 28 de novembro de 2017.

¹⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/constituente-e-a-aposta-chavista-para-evitar-guerra-civil-na-venezuela> . Acessado em: 28 de novembro de 2017.

Diferentemente do que ocorre quando narra a iniciativa do Governo Maduro de lançar a Constituinte, no que se refere à ação dos grupos de oposição, não há uma opinião divergente, a favor deles, para contrabalancear o enquadramento desfavorável.

7.4. A imagem de Hugo Chávez

Em contraste ao enquadramento predominantemente desfavorável tanto em relação aos grupos de oposição e ao governo Maduro, o passado chavista é quase sempre retratado de forma positiva. A “Revolução Bolivariana”, proposta por Hugo Chávez, é descrita como:

“um amplo projeto de mudança política e social, (...) [em que] a maior parte da renda petroléira passou a ser aplicada em benefício das demandas da maioria desfavorecida. Milhões de venezuelanos ganharam acesso a serviços de saúde adequados, por meio de uma rede imensa de postos de atendimento instalados nas áreas mais pobres e operados por médicos e outros profissionais cubanos, a Misión Barrio Adentro”.¹⁹

E, mais a frente no texto, descreve as medidas aplicadas por Chávez como “avanços” e “conquistas”: “Todas essas *conquistas* (e muitas mais) estão ameaçadas no cenário de incerteza política que envolve a eleição da Constituinte”²⁰.

Mesmo quando a cobertura argumenta que o problema da Venezuela, incluindo os governos chavistas, foi não ter conseguido se livrar da dependência do petróleo, nota-se um respeito à figura de Hugo Chávez enquanto estadista: “o baixo ingresso de petrodólares, como atualmente ocorre, gera escassez interna de moeda forte, a procura aumenta e eleva seu preço. *Nem Hugo Chávez* conseguiu alterar essa ordem”.²¹ Percebe-se que a utilização do advérbio “nem” engrandece a figura do ex-presidente enquanto um promotor de mudanças, mas que não conseguiu promover mudanças no que se refere à dependência venezuelana em relação ao petróleo.

8. Considerações finais:

Diante do limitado material a que tivemos acesso no curto período estudado, é preciso ressaltar que as conclusões a quem chegamos são parciais e, portanto, não podemos fazer quaisquer afirmações peremptórias acerca da política editorial do site da Carta Capital no que diz respeito ao caso da Venezuela.

¹⁹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grii/o-futuro-da-venezuela-esta-em-jogo> Acessado em: 28 de novembro de 2017 (artigo de opinião)

²⁰ Idem à nota 17

²¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/965/venezuela-caos-e-cerco> . Acessado em: 28 de novembro de 2017.

Para que possamos tecer alguns comentários acerca das hipóteses testadas, retomemos as perguntas que o método da Análise de Conteúdo propõe utilizadas nesta pesquisa: Quem fala? Para dizer o que? De que modo? Com que finalidade?

Das 17 matérias produzidas, nove são artigos de opinião de especialistas brasileiros. Lembrando que, devido aos fatores já explanados na seção 5, achamos por bem focar na análise de reportagens jornalísticas, mas sem descartar os textos de gênero opinativo (artigos). Afinal, pode-se perceber que a cobertura do veículo estudado privilegia a opinião de especialistas, ao dar voz a professores universitários, economistas, sociólogos, advogados etc, que são “*quem fala*”, emitindo opiniões embasadas nos dados coletados em suas pesquisas.

No que se refere às fontes do governo e da oposição, constatamos que há, em determinados momentos, a menção do nome de algumas autoridades, mas que não há uma preocupação em traçar um perfil mais aprofundado desses atores, distinguindo suas diferentes ambições políticas. Assim, constrói-se uma imagem de um chavismo coeso e de um anti-chavismo unido por interesses diversos comuns, o que não corresponde à complexidade do cenário político venezuelano.

Porém, o que mais chama atenção na cobertura não é quem fala, mas sim quem não fala. O site não utilizou nenhuma fonte pertencente às classes populares ou média, tampouco entrevistou cidadãos comuns que estavam nas ruas se manifestando. Essa omissão não possibilita que entendamos o ponto de vista desses manifestantes e os motivos pelos quais estão usando de métodos de protestos violentos nem a perspectiva dos próprios eleitores que apoiam o chavismo. Conclui-se, logo, que o veículo praticou uma forma de fazer jornalismo que privilegiou o lugar de fala das autoridades intelectuais.

“Para dizer o que?” A partir dos dados levantados, pode-se apreender que os grupos de oposição representam um perigo e um possível retrocesso para a Venezuela. Seria necessário “preservar os avanços sociais” iniciados por Hugo Chávez, porém, a “inabilidade política” de Nicolás Maduro pode ser um empecilho. Sendo assim, a Venezuela viveria um “impasse” e o cenário futuro é de “incerteza”, já que as mudanças na Carta Magna não seriam suficientes para estancar a crise do país, de acordo com a Carta Capital.

Nas matérias jornalísticas de caráter factual e/ou interpretativo, utilizam-se reportagens escritas por jornalistas colaboradores ou agências de notícias europeias.

Não há jornalistas enviados ou correspondentes no local. Além disso, mais de 70% das fotos utilizadas foram compradas da AFP, agência francesa. Com isso, verifica-se que o veículo, apesar de se denominar de esquerda, não escapa à influência das agências de notícias de países do Norte Global.

Visto que o site da Carta Capital dificilmente é lido pelos atores políticos da Venezuela, sua *finalidade* maior, provavelmente, não é influenciar a ação desses. Especulamos que a intenção do veículo é de se contrapor à mídia *mainstream* no Brasil, que tende a criminalizar os governos de esquerda não só no Brasil, mas em toda a América Latina. Em última instância, supomos que a finalidade da cobertura do site da Carta Capital é reforçar a sua posição editorial favorável a políticas públicas que visem à redução das desigualdades sociais.

Notamos que esta análise de conteúdo da cobertura do site da Carta Capital nos permitiu analisar, de forma parcial, as três variáveis levantadas na hipótese e confirmá-las no período estudado: os enquadramentos produzidos acerca das ações do Governo Maduro e das ações dos grupos de oposição são predominantemente desfavoráveis. Porém, o legado de Hugo Chávez é retratado de forma predominantemente positiva.

10. Referências

- ALMEIDA, Vitor; RODRIGUES, Cecília e FELZ, Jorge. (2015) **Análise do conteúdo jornalístico da revista Carta Capital**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1940-1.pdf> . Acessado em: 29 de novembro de 2017
- BARREIROS, Tomás Eon. (2008) **Jornalismo Estrábico: Veja e Carta Capital na Cobertura do Escândalo do Mensalão**. Disponível em: http://www.perspectivasdelacomunicacion.cl/revista_1.../parte2_11.pdf. Paraná. Acessado em 14 de outubro de 2017.
- CARTA, Mino. **Escolhemos LULA há muito tempo**. CartaCapital. São Paulo: Confiança, n.210, p.21, 09 out. 2002.
- CARTA, Mino. (2014) **Por que escolhemos Dilma Rouseff**. [Editorial] disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/807/por-que-escolhemos-dilma-rousseff-131.html> . Acessado em: 22 de abril de 2018
- BONFIM, Ivan E. (2000). **Latinidade: a América Latina pelas páginas da Veja e da Carta Capital**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/bomfim-ivan-latinidade.pdf> . Acessado em 22 de abril de 2018.
- BUZETO, Marcelo.(2008) **As lutas sociais e políticas na Venezuela**. Disponível em : <https://revistas.pucsp.br//index.php/ls/article/view/18761> . Acessado em: 22 de abril de 2018.

CARDOSO, Ciro Flamarion.(2017) **Análise de conteúdo: método básico** (notas de aula).

FRANCISCATO, Carlos E. e GÓES, José C. (2012) **Contribuições da Teoria do Enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo**. In Revista Interamericana de Comunicação Midiática ANIMUS, v.11, n.22. Disponível em: www.ufsm.br/animus

GOMES, Ingrid. (2007). **CartaCapital vota Lula em prol de interesses nacionalistas: análise da linha editorial da revista**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1> . Acessado em: 22 de abril de 2018

GITLIN, Todd (1980). **The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left**. Berkley: University of California Press,. Tradução (Introduction, p.1-18) de MTGF de Albuquerque e FFLA de Albuquerque. Rev. téc. de Afonso de Albuquerque.

PORTAL DA IMPRENSA (2006). "**Jornalista do ano": Mino Carta recebe prêmio da Associação de Correspondentes Estrangeiros**. Disponível em: http://portalimprensa.com.br/portal/ultimas_noticias/2006/12/04/imprensa8658.shtml . Acessado em 14 de outubro de 2017.

MARQUES. Maria de Fátima (2013) . **Democratização da Comunicação no Brasil: limites à efetivação do direito à informação no capitalismo contemporâneo**. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo8-direitosepoliticaspublicas/democratizacaodacomunicacaonobrasil.pdf> Acessado em: 22 de abril de 2018.

MORAES, Roque (1999). **Análise de conteúdo**. /Revista Educação/, Porto Alegre, v. 22, n.37, p. 7-32.

VIANA, Natalia. (2017) **Venezuela sem fake news**. Reportagem disponível em: <https://apublica.org/2017/06/venezuela-sem-fake-news/> . Acessado em: 22 de abril de 2017.

SAID, Edward. (1995). **Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas**. In: Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia das Letras.

SCHEIDT, Eduardo. (2017) **A democracia participativa na Venezuela da Era Chavéz e a questão dos Conselhos Comunais e das comunas**. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/15344/11377>

WOLF, Mauro (1985). **Teorias da Comunicação de Massa**. Portugal: Presença. 8ªedição.

ZERO, Marcelo. (2017). **Para entender a Venezuela**. Disponível em: <http://brasildebate.com.br/wp-content/uploads/Para-Entender-a-Venezuela.pdf> . Acessado em: 22 de abril de 2018.